BIBLIOGRAFIA

- BAUMAN, Z. (2007). *A vida fragmentada: Ensaios sobre a moral pós-moderna*. Lisboa: Relógio D'Água.
- BENTO, J. O. (1981). *Dialéctica da educação física*. Porto: Associação de Estudantes do ISEF.
- BENTO, J. O. (1986). *Elementos fundamentais de psico-pedagogia*. Porto: Universidade do Porto, Instituto Superior de Educação Física.
- BENTO, J. O. (1987a). *Desporto "matéria" de ensino*. Lisboa: Editorial Caminho.
- BENTO, J. O. (1987b). *Planeamento e avaliação em educação física*. Lisboa: Livros Horizonte.
- BENTO, J. O. (1991). Novas motivações, modelos e concepções para a prática desportiva. In J. O. Bento (Ed.), *O desporto do século XXI: os novos desafios* (pp. 113-146). Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- BENTO, J. O. (1995). *O Outro Lado do Desporto*. Porto: Campo das Letras.
- BENTO, J. O. (1999). Contexto e perspectivas. In J. O. Bento, R. Garcia, & A. Graça (Eds.), *Contextos da Pedagogia do Desporto* (pp. 19-112). Lisboa: Livros Horizonte.
- BENTO, J. O. (2004). *Desporto: discurso e substância*. Porto: Campo das Letras.
- BENTO, J. O. (2006). Pedagogia do desporto: Definições, conceitos e orientações. In G. Tani, J. O. Bento, & R. Peterson (Eds.), *Pedagogia do Desporto* (pp. 3-90). Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan.
- BENTO, J. O. (2012). Teoria-prática: uma relação múltipla. In I. Mesquita & J. O. Bento (Eds.), *Professor de Educação Física: Fundar e dignificar a profissão* (pp. 13-48). Belo Horizonte, Brasil: Casa da Educação Física.
- FOUCAULT, M. (2004). *A Arqueologia do Saber* (7ª ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- LAWSON, H. A. (1991). Specialization and Fragmentation Among Faculty as Endemic Features of Academic Life. *Quest* (00336297), 43(3), 280-295.
- MATOS, Z. (2006). Contributos para a compreensão da pedagogia do desporto. In G. Tani, J. O. Bento, & R. Peterson (Eds.), *Pedagogia do Desporto* (pp. 154-184). Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan.
- MATOS, Z. (2013). Entre a metodologia e os métodos: Elementos para a investigação em ciências do desporto. In I. Mesquita & A. Graça (Eds.), *Investigação qualitativa em desporto* (Vol. 1, pp. 15-65). Porto: CIFI2D, FADEUP.

Jorge Bento — O universitário

05

AUTOR:

António Fernando Sousa da Silva ¹

¹ Diretor da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

<https://doi.org/10.5628/rpcd.16.S1.65>

"Os que com ele (Jorge Bento) lidaram lhe conferem gratidão, pela sua dádiva ao comum."

JOSÉ CARLOS DE PAIVA

Recordo com emoção o meu primeiro contacto com Jorge Bento, há mais de trinta anos, no gabinete de um saudoso professor e amigo comum: o Prof. Manuel Aníbal Ribeiro da Silva. A nossa empatia nasceu por causas e valores comuns. As nossas funções e carreiras foram permitindo contactos espaçados no tempo. A situação mudou quando fui eleito Diretor da Faculdade de Ciências o que, nos últimos seis anos, me permitiu acompanhar Jorge Bento, na altura diretor da Faculdade de Desporto, partilhando princípios e valores, preocupações e atitudes, em defesa de uma Universidade capaz de assegurar a liberdade académica, a independência da sua investigação e atuar como crítica consciente da Sociedade.

Para escrever sobre o professor universitário Jorge Bento é mais fácil descrever o que se espera de um professor universitário.

De um professor universitário espera-se que seja um líder académico na Universidade e que a sua liderança se estenda à comunidade, particularmente nos assuntos relacionados com a sua disciplina ou área disciplinar. Um professor universitário deve dar um contributo relevante para o conhecimento através da investigação que realize e, ainda, que oriente docentes e investigadores mais jovens. Espera-se que a investigação que realize ou oriente ultrapasse a sua disciplina e acarinhe e apoie a investigação de outros, mesmo em disciplinas relacionadas com a sua. Na sua atuação, o professor universitário deverá ser visto como um modelo de relações e acessibilidade com os estudantes, funcionários e outros docentes, e de envolvimento com a sua Faculdade e Universidade, através da participação, nomeadamente, nos eventos destinados ao reconhecimento dos estudantes ou da Universidade.

Faz parte da atividade do professor universitário a sua participação em organizações nacionais e internacionais relacionadas com a sua disciplina ou área disciplinar, integrar comissões científicas, de especialistas ou painéis de avaliação.

No professor universitário recai a enorme responsabilidade de contribuir para a promoção da imagem e dos valores da Universidade quer a nível local, nacional e internacional, sendo que um dos veículos mais comuns é a participação em conferências, proferindo palestras, envolvendo-se em debates de temas que sejam importantes na relação da Universidade com a sociedade.

Finalmente, a um professor universitário deve pedir-se que contribua para a gestão da sua Faculdade e Universidade, e contribuir para a política de governação e de formação.

Seria impossível, num texto curto, fazer realçar todos os elementos do curriculum académico de Jorge Bento que demonstram, com abundância e clareza, que possuiu todas as características atrás mencionadas as quais, no meu entendimento, os professores universitários, devem ter, ou desempenhar, nas proporções ajustadas às características de cada um.

Muitas das homenagens, prémios atribuídos, e distinções feitas por universidades nacionais e internacionais, escolas, clubes desportivos, autarquias e até pelo Comité Olímpico Nacional, atestam o que tem sido as múltiplas e variadas facetas das atividades e intervenções do Professor Jorge Bento.

Solicitei a três colegas universitários que me ajudassem a dar uma visão mais ampla e mais precisa de Jorge Bento Universitário. As suas visões encontram-se na parte final deste texto.

Tive o privilégio de partilhar com Jorge Bento a análise e as preocupações sobre os desafios do futuro da Universidade Pública, nesta encruzilhada complexa em que ela se encontra, consequência da apropriação da sua governação e funcionamento pela ideologia neoliberal.

É na Liberdade que assenta a Democracia, a cidadania e o seu aprofundamento e Jorge Bento é um universitário militantemente comprometido com a Universidade como sede de liberdade e da democracia. Tal como Jorge Bento considero que à missão da Universidade pertence intervir na configuração do presente e na concepção e preparação do futuro, assumir a democracia e a cidadania ativas e ligar-se a um ceticismo avisado do quanto há para inventar e mudar. Concebo-a portanto, como um alfobre de vozes discordantes e alternativas, que denunciem, com fundamento, a debilidade, a inadequação e a injustiça das experiências e medidas adotadas ou impostas e que não se comprazam com a "globalização da indiferença".

Ainda recentemente, a voz insuspeita do anterior secretário geral da ONU, Kofi Annan se fez ouvir apelando aos Reitores das Universidades Africanas "as Universidades devem promover a democracia porque o crescimento das desigualdades e da intolerância ameaçam o Ensino Superior".

Trabalhando a "terra das palavras", as intervenções e publicações de Jorge Bento são marcos de denúncia e alerta dos desvios aos princípios de uma Universidade livre e democrática ao serviço dos superiores interesses da Humanidade. O seu carácter, a sua competência, os seus textos e a sua forma de estar e intervir são reconhecidos em várias geografias em particular no Brasil, e outros Países de Língua Oficial Portuguesa, na Índia e na Ásia.

Jorge Bento tem uma vida feita com "dedicação e amor à Universidade... plural, de ensino, formação, investigação e extensão à sociedade" como diz o Prof. Paulo Cesar Montagner, da Universidade de Campinas, no texto que nos enviou, defendendo, como poucos, uma Universidade que "forma pessoas aptas a pensar, interpretar e questionar os sinais dos tempos, atraídas pela busca da sabedoria e transcendência".

O Prof. Cândido da Agra, ex diretor da Faculdade de Direito, classifica Jorge Bento como um "aristocrata de espírito", pois ele tem a Universidade como "uma causa e uma missão" que constitui "a corda central da sua vida afetiva e cognitiva".

Numa outra perspectiva de Jorge Bento como universitário, o diretor da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, Prof. José Carlos Paiva, escreveu "Jorge Bento transmite uma serenidade no seu modo de dialogar que torna mais inquietante o que 'diz', onde povoam suas apreensões do mundo complexo e paradoxal que habita, transpondo para ele sua presença crítica, lúcida, sua intervenção social pertinente e impertinente. A sua presença nos espaços onde nos cruzamos, sempre transportaram a sua inteira e acutilante visão do mundo e das coisas, irradiando uma possibilidade de diálogo e de partilha de ideias onde se bebiam melhores entendimentos do que se passava, do que ocorria, do que perspectivava. Assim, sua presença era enriquecedora, possibilidade de aprendizagem, de entendimento, e também irradiação de ética, de sensibilidade e de uma solidariedade rara e imprescindível".

A inquestionável importância da Universidade deriva da sua missão de promover a educação superior das novas gerações, de fazer investigação nos diversos domínios, visando transpor as fronteiras de conhecimento, de promover a reflexão sobre a envolvente humana na compreensão do mundo, sem deixar de aplicar os resultados ao progresso económico, social e cultural da sociedade.

Na atualidade, a Universidade, e em particular a Universidade pública e o Ensino superior em geral, enfrenta múltiplos desafios à escala global, em consequência dos quais estão a decorrer significativas transformações. Preocupações com os atuais ventos de mudança e o seu efeito no futuro do sistema de Ensino Superior atravessam os continentes desde os Estados Unidos à Austrália. Há consenso de que, na origem dos desafios a enfrentar pela Universidade pública, estão simultaneamente ofensivas políticas, forças económicas, alterações tecnológicas e fatores internos à própria Universidade, o que Nannerl O. Krehoane magistralmente sintetizou em 2013: "*the challenges are coming from so many different directions at the same time*".

Já em dezembro de 2011, Geog Krucken, um investigador alemão da Universidade de Kassel, publicou um artigo que sumariava as alterações então em curso no ensino Superior na Europa, nomeadamente o enorme aumento do número de estudantes no ensino superior, o aumento do número de cursos e a introdução do *New Public Management* que alterou o tradicional modo de governação da Universidade baseado no equilíbrio entre regulação e governação académica. Krucken acrescentou que a regulação direta e *top down* da Universidade e dos seus membros por parte do Estado estava a diluir-se e a transformar-se num conjunto de processos indiretos tais como a definição de objectivos, contratos programa, etc. Às alterações na regulação Estado — Universidade também se adicionavam o aparecimento de novos atores no processo de mudanças tais como as Agências de Acreditação e de Avaliação da atividade científica e pedagógica, e a inclusão em órgãos de gestão de elementos provenientes do mundo económico e social exterior à Universidade.

Neste contexto de mudanças a Universidade, ela própria, tornou-se um ator organizacional de mudança, forçada pela necessidade de "racionalizar custos", enfrentar os sucessivos cortes orçamentais através da procura de "receitas próprias", acrescentando aos tradicionais objetos da sua acção (ensino e investigação) um outro foco de atividade demonstrador da sua intervenção na economia através da designada prestação de serviços configurando a chamada terceira missão da Universidade. A Universidade passa a criar uma marca e a utilizar uma linguagem de mercados nas suas relações com os estudantes, nas suas relações com as agências de financiamento competitivo e com as empresas, aproximando-se de um modelo neoliberal de funcionamento ou de "governabilidade neoliberal" configurando, na sua missão, um dos lemas do neoliberalismo: o ensino superior deve servir o interesse das corporações em vez de servir o interesse público. A responsabilidade da Universidade não se esgota na promoção da educação superior de gerações sucessivas de estudantes, em fazer investigação nos diversos domínios de modo a transpor as fronteiras de conhecimento, em aplicar os resultados à sociedade para promover o progresso económico, social e cultural mas, também assenta na convicção de que há um papel mais relevante e abrangente que consiste em promover a reflexão sobre a envolvimento humano na compreensão do mundo contribuindo, desse modo, para a formação integral do ser humano capaz de lutar por uma sociedade justa e solidária, de promover o funcionamento da democracia e de assegurar um planeta sustentável.

Neste âmbito, para o professor de "Cultural Studies" Henry Giroux, a introdução do neoliberalismo ou como propõe um jovem autor, Connor Heaney, estudante de doutoramento em Warwick, a introdução da "governabilidade neoliberal" nas universidades, provoca uma enorme mudança da visão tradicional da Universidade como produtora de conhecimento independente, sede de liberdade e democracia, para outra visão de Universidade orientada para lógicas de competição centrada nos mercados onde o estudante passa de sujeito a "consumidor" e o docente passa a "produtor" de conhecimento. O valor da educação, sob "governabilidade neoliberal" passa a ser quantificado pela empregabilidade e pelo salário

inicial. São múltiplas e significativas as alterações decorrentes da imposição da "governabilidade neoliberal" na transformação da Universidade nomeadamente:

1. Limitar a liberdade académica a uma liberdade de mercado (mercados) através dos efeitos da investigação na sociedade;
2. Inibir que a procura de respostas às questões económicas e sociais possa, também, ser obtida como resultado da curiosidade, originalidade e criatividade em liberdade e do desenvolvimento interno das diversas disciplinas;
3. Orientar a elaboração de curricula focando-os na promoção da empregabilidade e não na promoção da educação e do conhecimento;
4. Focar a investigação naquela que só tenha retorno em euros (transformando o conhecimento em produto de mercado) e não no avanço do conhecimento, na compreensão humana, na procura da verdade, etc.;
5. Condicionar o futuro e o emprego dos docentes universitários às métricas da avaliação da investigação (em listas de publicações, índices de impacto, financiamento, etc.) e de desempenho académico através do grau de satisfação do "consumidor" estudante ou entidade financiadora;

Henry Giroux salienta uma consequência mais ampla e devastadora: "o neoliberalismo nas Universidades está a colocar em perigo os valores democráticos e a proteção social bem como a cultura de formação cívica que colocam tais valores e proteções cruciais à vida democrática em risco de desaparecer". Kofi Annan, na intervenção já referida, salientou: "com educação superior os cidadãos votantes são melhor preparados para detetar abusos de poder, são menos tolerantes à corrupção e adquirem os instrumentos e o conhecimento para lutar contra ambos" que são palavras repetidamente presentes nos textos e nas intervenções de Jorge Bento.

Porque a Universidade é uma organização de conhecimento em que a partilha do conhecimento e o conhecimento tácito são poder, não tem sido sem resistências e dificuldades que as práticas de "governabilidade neoliberal" se tem vindo a instalar nas Universidades. A competição no ensino superior é diferente da competição na área dos negócios e, no sector académico, as avaliações são feitas por académicos (*peer review*) o que condiciona os processos competitivos sobre recursos limitados como dinheiro e prestígio. Neste contexto, em vários países europeus e nos EUA têm surgido tensões e conflitos resultantes da "governabilidade neoliberal" introduzida nas Universidades. Conflitos e tensões entre órgãos colegiais e poderes individuais nomeadamente os associados à liberdade académica, e à qualidade das decisões de órgãos colegiais envolvendo membros externos, porque estes não possuem um conhecimento adequado da organização da Universidade.

Na Universidade portuguesa a "governabilidade neoliberal" tem sido introduzida de uma forma subtil, quase insidiosa, através da construção de um edifício jurídico e do uso de uma linguagem de que são expoentes o RJIES, o ECDU, o regime fundacional e a operacionalização do processo de Bolonha. Através dos objetivos generosos como o combate ao desemprego, a contribuição para o desenvolvimento económico e social instala-se a ligação da Universidade à sociedade civil, impõe-se a presença de "representantes" nos conselhos de curadores, conselhos gerais, conselhos de representantes, etc. Toda a arquitetura do edifício que foi sendo construído tem servido para aumentar a pressão social sobre a necessidade de reorganização da Universidade transformando-a numa "organização" destinada a dar resposta aos consumidores de conhecimento: estudantes, empresas e sociedade.

O dilema atual da Universidade pública é o de encontrar as formas de organização e governação que permitam enfrentar as mudanças irreversíveis na sociedade e na economia, sem aceitar a introdução da linguagem e prática neoliberal dos mercados na cultura educacional e prática universitária recuperando os valores iniciais e humanistas da Universidade e promover a inovação pedagógica e curricular criando espaços de interação e formação que permitam incluir, com maior profundidade, a dimensão cultural e humanística, adicional às competências transversais, que propiciem a educação para a democracia. Ou seja uma "Universidade transformadora da Sociedade, utilizando a inovação no benefício do homem e para o homem com uma missão humanista, iluminista e social" nas palavras do Prof. Paulo Cesar Montagner.

Ou, como diz Luísa Neto professora da Faculdade de Direito da Universidade do Porto

sendo as Universidades instituições de difusão da ciência e da cultura, a educação para a democracia é um tema em que parece evidente a interpenetração entre o processo de transmissão de conhecimento científico e a básica dimensão de aprofundamento da cultura democrática, assumindo-se que o aprofundamento do conhecimento é indissociável do desenvolvimento de competências (transversais e específicas) que permitam gerar o saber.

A Universidade tem de continuar a ser a sede da diferença e da diversidade, a albergar a discussão livre e democrática, permitindo o confronto de ideias que são a fonte principal da sua dinâmica de progresso.

A Universidade pública hoje, e no futuro, poderá ter de reequacionar a sua missão institucional procurando novas formas de assegurar um ensino capaz de enfrentar as mudanças que as novas tecnologias, as ciências da aprendizagem e as neurociências irão proporcionar ou provocar e, em simultâneo, contemplar a diversidade do conhecimento, e formar bons profissionais, incorporando valores que propiciem o pleno exercício da cidadania.

É imprescindível assegurar, que o papel da Universidade pública, também é o de contribuir para a discussão do futuro, permitindo que os seus estudantes adquiram os conhecimentos e o desenvolvimento intelectual que lhes permita envolver-se e participar, com coragem e inovação, nas discussões e soluções dos grandes desafios do nosso tempo, como sejam as relações entre desenvolvimento e pobreza, ou entre conflitos e desalojamento de populações, sabendo o que significa solidariedade e humanidade.

Tem de se impedir que o objectivo seja a preparação específica para o mercado de trabalho, sacrificando a formação para o desenvolvimento de competências como a criatividade, o pensamento analítico e crítico.

Em suma, é necessário reverter a Universidade Global de novo a Universidade Universal.

Tem sido perante este cenário de presente e desafios futuros da organização e governação universitária, do seu funcionamento e da sua estrutura que Jorge Bento tem refletido atenta e profundamente, denunciando e combatendo com "coragem, desassombro, destemor e ousadia", as consequências da "governabilidade neoliberal" na Universidade e na Sociedade.

O professor Jorge Bento propõe e alimenta o debate imprescindível para o fluir de ideias, clarificar diagnósticos e abrir portas para o aparecimento de alternativas de mudança no sistema dinâmico complexo que é uma Universidade. Tem-no feito de uma forma competente e esclarecida, como deve fazer um professor universitário, mas fá-lo com paixão, empenhado, sem pactos nem transigências, não pondo, como afirma, "freios nem contenções" nas palavras por "mor da honra e dignidade" do seu carácter transmontano, denunciando, repetidamente, o que designa por "invasão e captura da Universidade pela ideologia neoliberal" e "frenesim reformista e o managerialismo centralista e concentrador".

Ao universitário Jorge Bento não se aplica a denúncia do ex-Reitor da Universidade do Porto, Alberto Amaral "a Universidade tem sido pouco crítica do impacto dos processos de transformação sobre si própria. Tem aceite de um modo preocupantemente passivo as mudanças introduzidas quer através do RJIES quer através do ECDU." Pelo contrário, plenamente consciente das suas funções de professor universitário, Jorge Bento tem travado uma "luta permanente" como diz Cândido da Agra, mas "Luta pautada pela ética, pela norma e pela regra".

A sua forte personalidade manifesta-se na defesa intransigente de valores e princípios em que acredita entre os quais se situa a defesa da "Universidade transformadora da Sociedade, utilizando a inovação no benefício do homem e para o homem com uma missão humanista, iluminista e social" como salienta o Prof. Paulo César Montagner no seu depoimento.

Tem sido um grande privilégio ter como companheiro Jorge Bento. Junto-me ao Prof. José Paiva sendo mais um dos que "lhe conferem gratidão, pela sua dádiva ao comum".

JORGE BENTO: A VERDADE, O PODER E A LUTA

CÂNDIDO DA AGRA
(PROFESSOR CATEDRÁTICO)

Como hei de resumir, em breves palavras, a minha experiência, que vai para além de trinta anos, deste grande amigo e colega universitário que é Jorge Bento?

Primeira questão: que é a universidade, hoje? Segunda questão: quem é o universitário Jorge Bento?

A Universidade é habitada por três grandes tipos de universitários: os utilitaristas, os alienados e os aristocratas de espírito. Os primeiros, transformam a instituição no lugar do seu negócio: instalada a sua banca no templo do saber e da ciência, ali veem eles, "escribas" e "fariseus", colocar o seu "produto" no mercado do conhecimento. A atual voga da "Universidade-empresa" alimenta este ideal-tipo de atores de uma universidade que a partir do chamado RJIES colocou em questão a sua autonomia universitária consagrada na lei de 1988. Para os segundos, aqueles que por ali andam, "sem eira nem beira", que a universidade corra para norte ou para sul, tanto se lhes dá: "almas professorais", como lhes chamou G. Bachelard, repetem para o resto da sua vida a sua tese de doutoramento, a sua definitiva e alienada verdade. Enfim, os aristocratas de espírito, muito raros, têm a universidade como uma causa e uma missão, a ela se votam como uma necessidade intrínseca e imediata. A Universidade e sua missão constitui, para eles, a corda central da sua vida afetiva e cognitiva.

O universitário Jorge Bento integra este último ideal-tipo de universitário que caracterizo por três palavras. A verdade, o poder e a luta. Estas três características definem um perfil que se não enquadra nem nos "modernos" nem nos "pós-modernos". É o perfil dos grandes homens da antiguidade grega. Na sua atitude e no seu comportamento o Jorge Bento sempre invocou em mim os antigos, sobretudo os cétricos, os sábios que mais admiro.

Diz-se de Jorge Bento que é frontal. Eu direi que esta qualidade é mais profunda: revela a virtude da *parrêsia* ou a coragem da verdade. E como Sócrates passou toda a sua vida a pregar: *gnoti se auton* (conhece-te a ti próprio), assim ouço Jorge Bento integrar o tão restrito número de universitários que ousam dizer: universidade, conhece-te a ti própria!

Mas Jorge Bento não se limita a dizer. Faz. É um homem de acção, é um homem de poder. Não o poder da política, mas o poder sobre o acto institucional. Mais, exorta-nos a todos a assumirmos, colectivamente, o poder sobre a nossa acção universitária. Com quem diz: quem manda na universidade somos nós atores da universidade, estudantes, professores e funcionários. A denuncia da apropriação da universidade por estranhas forças que subvertem os princípios e os valores matriciais da instituição tornou-se para Jorge Bento uma luta permanente. Luta pautada pela ética, pela norma e pela regra. E, uma vez mais, como os atletas da antiga Grécia. A luta, o combate é o lugar onde a verdade e o poder se manifestam. É por isso que elejo Jorge Bento grande atleta da causa universitária em geral e da Universidade

do Porto em particular. Agora, chegado à jubilação, poderá confessar a todos a sua verdade, como S. Paulo "combati" o bom combate. Com a alegria que nasce da consciência da fidelidade a um dever que se lhe impôs, *ab imo cordis* como verdade transcendente.

JORGE BENTO

PROF. PAULO CESAR MONTAGNER
(UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, SÃO PAULO, BRASIL)

Conservo uma nítida e contundente imagem dos meus primeiros contactos mais diretos com Jorge Olímpio Bento. Em setembro de 2006, na cidade de Bertioga, em São Paulo, fui representar, como seu Diretor, a Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas num evento que reuniu vários profissionais da área. Com tantos importantes convidados, Jorge Bento era o mais proeminente professor do congresso, um de seus idealizadores.

Ainda posso ver sua figura, personalidade forte, decidido nos seus argumentos, articulado e encorajador de novas ideias. Era visível sua paixão, lucidez e intransigência na defesa de princípios com os quais sempre me identifiquei. Dentre outros, o tema da Universidade e seus caminhos, modelos e desafios já permeava suas reflexões, articuladas às preocupações com a Educação Física e o Desporto.

Após esse período, nossa aproximação foi inevitável. Construimos conjuntamente vários projetos acadêmicos e, após esses contactos, nossos caminhos se tornaram mais frequentes, vindo a ter a honra e alegria de sua convivência nos últimos anos.

Em suas obras, Jorge Bento deixou florescer o poder de transformação do Desporto na vida humana, na beleza estética e ética desse fenômeno de grandeza maior. Seus livros e ensinamentos representam uma discussão enraizada no conhecimento real e prático com profundo saber filosófico sobre Universidade, sobre Desporto, sobre a vida, olhar amadurecido e experiente.

Como bem registrou o Prof. Patrício no prefácio do livro "Por uma UniverCidade anticonformista",

... Jorge Bento quer dirigir a sua palavra humanista – e humana... –, em prol do Homem, que quer promover o acesso ao alto Conhecimento a todos os homens, acerca de tudo, apreendido de todas as maneiras, permanentemente."

(PREFÁCIO DE MANUEL FERREIRA PATRÍCIO).

As muitas homenagens que o Prof. Jorge Bento recebeu e ainda receberá nunca serão suficientes pela grandeza de sua obra e de suas "andanças". Seu respeito e sensibilidade pelo outro, consistência na retratação do pensamento, estilo e vigor intelectual permanecerão por muitos anos a influenciar o pensamento crítico e a reflexão profunda. Seu labor, capacidade de trabalho e elaboração intelectual são impressionantes. Incrível sua rapidez e capacidade de trabalho.

AUTORES:

Alfredo Faria Júnior ¹Adroaldo Gaya ¹

¹ Universidade Salgado de Oliveira
– UNIVERSO, Niterói, Brasil

² Escola de Educação Física,
Fisioterapia e Dança, Universidade
Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

<https://doi.org/10.5628/rpcd.16.S1.75>

Entendo o seu atual anticonformismo presente nas suas últimas obras, não como conotação de que tudo está errado, que devemos sempre recomeçar do zero, mas sim, como a expressão de um intelectual crítico, que desempenha seu papel com responsabilidade e propostas através da análise cuidadosa, fundamentada, elaborada e consistente, observando o mundo social e a si próprio nessa ação.

Estou a cada dia mais convencido de que aprendemos mais pelos exemplos do que pelas palavras. Exemplos permanecem e perenizam-se. Encontro em Jorge Bento exemplos dos mais diversos, de dedicação e amor à Universidade, dotado de uma vocação para ser a consciência de muitos que, como ele, sonham e agem para a construção de uma Universidade transformadora da sociedade, inovadora em benefício do homem e para o homem, visão de excelência balizada pela missão humanista, iluminista e social, Universidade plural, de ensino, formação, investigação e extensão à sociedade, sendo esses papéis institucionais indissociáveis e articulados entre si, sem hierarquias, e como bem o diz, "*sem o reformismo falacioso*".

Se tudo se encontra em estado de mudança, cabe ressaltar o já dito na obra "Corrida contra o tempo" (P.71):

"as instituições, tal como as pessoas, não podem nem devem ser sempre iguais. Por não estarem nunca conclusas carecem de mudar e de se transformar, de evoluir e melhorar. São transformadoras na medida que se transformam". Quero ainda recordar um de seus ensinamentos pelo atual momento vivido, com esperança na renovação do animo pela permanência na luta: "vencedores são os que não se conformam ao determinismo e não fogem ao dever de participar na feitura do mundo" (CORRIDA CONTRA O TEMPO: POSIÇÕES E INTERVENÇÕES, P.71).

Por fim, peço licença ao amigo Jorge Bento para tornar pública uma mensagem a mim enviada (possivelmente aos muitos amigos também) sobre o seu nome. *Jorge* significa "*o que trabalha a terra*" ou "*agricultor*", e vem do nome grego Georgios, formado pelas palavras "*ge*", que significa a 'terra', e '*erghon*', que quer dizer trabalho. E como ele bem escreve,

... Jorge significa por origem e destino o que "lavra os textos" e "trabalha as palavras" com a charrua do coração e da alma, cuidando de semear no papel o calor do Sol e a clarividência da Lua, procurando ser fiel ao compromisso com a transcendência da ética e da estética. (MENSAGEM ENVIADA POR EMAIL EM 18.FEVEREIRO.2014)

Meu caríssimo mestre, grato pelos ensinamentos e pela convivência. Grato por ser um homem de paixão, construtor do mundo em busca permanente da utopia. Grato pela coragem, pelo orgulho, pela paixão de ser professor. Grato por participar da feitura do mundo.

E assim! Tudo começou... Ao lado de Alfredo Faria Junior

Alfredo Faria Junior exercia as funções de Coordenador do Mestrado em Educação, da Universidade Federal Fluminense (UFF). Foi procurado pela Ângela, Secretária do curso. Ela desejava ir a Europa para uma reunião da Organização Internacional do Trabalho (OIT), representando nossa Universidade. Alfredo concordou com o pleito autorizando-a ir à Europa.

Quando Ângela regressou fez um relato que se revelou muito interessante. Após a Reunião, decidiu ir de trem à cidade do Porto, Portugal. No vagão em que estava quis fechar a janela, mas não conseguiu. Então, um cavalheiro – professor Jorge Olímpio Bento – muito gentil prontificou-se a fecha-la. A seguir entabularam conversa quando ele lhe revelou que era professor de Didática de Educação Física, no Porto. Ela, então, disse que era Secretária de Curso de Mestrado em Educação, coordenado também por um professor de Educação Física: Alfredo Faria Junior.

Qual foi a surpresa dela quando Jorge Bento disse que conhecia o seu Coordenador de nome, através do livro Introdução a Didática de Educação Física. Depois disso trocaram endereços e Jorge Bento demonstrou o desejo de conhecer o professor Alfredo pessoalmente.

Em 1985, Alfredo Faria Junior foi ao Porto em busca de contato com Jorge Bento. Hospedou-se no Hotel Peninsular, na Rua Sá Bandeira, 21, no Centro, onde familiares seus haviam estado quando viajaram para Portugal.